

Nefertiti  
*e os mistérios sagrados do Egito*



Chiang Sing

# NEFERTITI

*e os mistérios sagrados do Egito*

(Romance histórico)

© 2000 Conhecimento Editorial Ltda  
**Nefertiti**  
e os mistérios sagrados do Egito  
Chiang Sing

Todos os direitos desta edição reservados à  
**CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.**  
Caixa Postal 404 - CEP 13480-970 - Limeira-SP  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
www.edconhecimento.com.br  
conhecimento@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,  
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecâni-  
co, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e  
de gravação —, sem permissão, por escrito, do Editor.

**Preparação de texto:** Margareth Rose F. Carvalho  
**Capa e projeto gráfico:** Sérgio F. Carvalho  
**Colaborou nesta edição:** Paulo Gontijo Almeida

ISBN 85-7618-065-0 - 7ª EDIÇÃO — 2005

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no Departamento Gráfico de  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 - CEP 13485-150  
Fone/Fax: 19 3451-5440 - Limeira - SP  
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sing, Chiang, 1924-2002.  
Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito : (romance histórico) /  
Chiang Sing — 7ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento,  
2005.

Bibliografia  
ISBN 85-7618-065-0

1. Ficção brasileira 2. Nefertiti, Rainha do Egito - Ficção I. Título.

05-5972 CDD - 869.93

---

Índices para catálogos sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

---

Chiang Sing

# NEFERTITI

*e os mistérios sagrados do Egito*  
(Romance histórico)

7ª Edição — 2005



Obras de Chiang Sing:

A flauta de Lin-Tsu — poesia  
Pavilhão das peônias — poesia  
Yoga para a mulher  
Lendas do celeste império  
Ikebana, arte floral japonesa  
Filosofia yogui  
Sempre jovem com a yoga  
As lendárias viagens de Marco Pólo  
Yoga da alimentação natural  
Os mestres do Himalaia  
Culinária chinesa  
Lendas do antigo Japão  
Confúcio, o Sapiientíssimo  
Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito  
Cura com yoga e plantas medicinais  
Mistérios e magias do Tibete  
Nosso corpo perfeito com a yoga  
Receitas tradicionais chinesas  
Os videntes do Himalaia  
Receitas japonesas  
Índia sagrada  
Mágico poder do número  
Vedanta Yoga  
Krisna Yoga  
Jadevermelho  
A magia das estrelas

*É com o coração inquieto como o vento, quando agita os bambus na primavera, que agradeço a todos os amigos que, com entusiasmo, muito contribuíram para que esta obra fosse escrita. Ouso citar como me tendo sido especialmente preciosa a ajuda do diplomata egípcio, Mohamed Salah El Derwy, da Embaixada da República Árabe Unida, no Brasil, bem como a dos honoráveis estudiosos de assuntos egípcios, professor Victor Stawiarski, escritora Marita Lima, doutor Alfredo Coutinho de Medeiros Falcão, jornalista Francisco Octávio da Silva Bezerra, e meu marido, o escultor Kabir, que tanto me auxiliou com sua experiência e seu discernimento.*

*A todos, dedico este livro desejando que uma paz profunda pouse em seus kás, com a maciez de uma pétala de lótus.*





## Sumário

11	Prefácio
17	Hino a Nefertiti
19	Apresentação
21	Notas
	Primeira Parte
23	A bela que veio
	Segunda parte
55	Os mistérios sagrados da Casa da Luz
	Terceira parte
123	Akhnaton ou a glória de Aton
	Quarta Parte
241	A luz de Aton morre no poente
350	Bibliografia



## Prefácio

Quando os ouvidos do discípulo estão dispostos a escutar, os lábios do mestre os enchem de sabedoria.

HERMES-THOT, *Kaibalion*.

Escrevendo *Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito*, a escritora Chiang Sing produziu um dos mais importantes livros de sua vitoriosa carreira literária, especialmente por descrever com grande riqueza de detalhes esses “mistérios sagrados”, sobre os quais disse Jâmblico, filósofo neoplatônico que viveu no século IV de nossa era: “Das coisas que se realizam no culto dos deuses, há algumas que têm um significado oculto, impossível de ser expressado por meio de palavras”. Pois Chiang Sing conseguiu reviver esses mistérios intraduzíveis. Trabalhou durante sete anos fazendo pesquisas minuciosas, utilizando como fontes bibliográficas documentos depositados em museus e obras de historiadores célebres, como Lépsius, Maspéro, Rougé, Petrie, Bruasch, Erman, Manchip, Breasted e muitos outros. O resultado desse trabalho é a fascinante história da vida da mais bela rainha do Nilo e os dramáticos conflitos que marcaram sua passagem pelas Terras Negras.

Embora poucos sejam os dados históricos existentes sobre

Nefertiti, Chiang Sing procurou unir tais indícios, a fim de formar um todo, tentando solucionar assim o grande mistério que envolve a vida dessa nossa remota rainha da décima oitava dinastia egípcia (1580-1350 a.C.).

É curioso observar que a vida de Nefertiti suscitou controvérsias entre os mais eminentes egiptólogos. Flinder Petrie, em sua obra *História do Egito* (vol. 2, p. 207), diz que “Nefertiti era filha de uma princesa mitaniana com o faraó Amenófis III”. Entretanto, dizem os eruditos professores Arthur Weigall, James Baikie, e outros, que “Nefertiti era puramente egípcia, filha da rainha Tii com o faraó Amenófis III, ou quiçá com seu favorito, o sacerdote Eje”. Afirmam uns que Nefertiti apenas aceitou e seguiu as tendências místicas do marido, o rei Amenófis IV, ou Akhnaton. Contudo, dizem outros que Nefertiti é quem foi a incentivadora do atonismo no Egito, em razão da analogia desse culto com os praticados na Ásia Menor, onde nasceu sua mãe, a princesa Gilukhipa, filha do rei Shutarna, de Mitani. Aliás, a grande semelhança que há entre os salmos do rei Akhnaton com certos hinos do *Rig-Veda*, um dos livros sagrados da Índia, levou outros autores a sugerir que Akhnaton recebeu influência indiana, por intermédio de Mitani, terra indo-ariana situada a leste do Eufrates. O remoto cântico *Gayatri mantra*, que todo verdadeiro brâmane recita todas as manhãs ao nascer do Sol, é praticamente idêntico aos salmos do rei Akhnaton. Ademais, um título que é constantemente dado a Nefertiti (“aquela que faz Aton repousar com sua doce voz e suas belas mãos sustentando os sistros”) faz pensar, irresistivelmente, nos cânticos sagrados das sacerdotisas védicas, em suas orações vesperais, voltadas para o Sol.

Mas talvez haja maior mistério ainda. Aos que bem conhecem os textos da *Bíblia*, sabem que nela consta um salmo que recorda, de modo espantoso, o *Grande hino ao Sol*, do faraó Akhnaton. É o salmo CIV ou CIII, segundo a *Vulgata*, um dos mais belos cânticos dos cento e cinquenta que são cantados, seguindo ordem, ritmo e até mesmo expressões totalmente paralelos e muitas vezes idênticos, como no poema místico do Egito dedicado à glória do Criador e à beleza alegre do mundo nascido de suas mãos.

Qual dos dois salmos foi o primeiro em data? Terá havido para um e outro a mesma origem, uma fonte comum, à qual dois grandes poetas recorreram sucessivamente? Impossível dizer. Os hebreus, quando Akhnaton reinava, estavam ainda em terra egípcia. E o mais curioso é que foi em Heliópolis que o rei Akhnaton encontrou o velho culto do disco solar. E Heliópolis não é outra coisa senão a velha cidade egípcia de On, na qual, segundo o *Livro do êxodo*, Moisés foi conhecedor de toda a sabedoria egípcia. Mas quem poderá distinguir o que provém de Akhnaton e o que provém da antiga mensagem que Abraão, sete séculos antes, recebera do próprio Deus e da qual seu povo era o depositário? Quem poderá saber a verdade, passados trinta e três séculos, mais de 1300 anos antes de nossa era?

Apesar de todas essas controvérsias, Chiang Sing conseguiu reunir em seu livro um documentário esplêndido. E assim escreve as cenas orgíacas do casamento de Nefertiti, baseada no *Papiro real de Turim*. Referimo-nos à parte secreta que o museu achou melhor ocultar ao público, pois contém a narração dos amores de certos padres de Amon com as cortesãs sagradas, ilustrada com desenhos libertinos. Os rituais funerários e de embalsamamento, Chiang foi buscar em *História de Heródoto* (cap.11, pp. 86-88) e no *Livro dos mortos* — o remoto texto mágico-religioso que era enterrado com a múmia para guiar os seus passos no Além. Nesse capítulo, vemos ainda a citação de uma preciosa estela funerária da vigésima primeira dinastia, gentilmente cedida pelo professor Victor Stawiariski, e que se encontra na biblioteca do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Além disso, a autora colocou na boca de vários personagens, diversas frases históricas do *Papiro de Ebers*, *Prisse*, *Greenfield*, *Anastasi* e *Herouben*.

Amor, morte, magia, intriga, misticismo e luta religiosa são contados magistralmente ao longo das páginas deste livro de Chiang Sing, num estilo leve e poético que desde logo fascina o leitor e revela a profunda erudição da autora. Ela consegue fazer de seus personagens gente de verdade, tal como o foram há séculos, em cuja agradável companhia percorremos as ruas, os palácios, os jardins e os templos de Tebas, Mênfis, Napata e Akhetaton — a Cidade do Horizonte do Sol. Seguindo o roteiro

traçado por Chiang Sing, ouvimos as belas canções de amor dos tempos faraônicos, os hinos de Akhnaton, as danças das sacerdotisas hititas bailando ao luar ao conjuro das velhas magas, os ritos de enfeitamento dos antigos magos egípcios, que a autora colheu no *Papiro de Nesiamson*, traduzido por Moret, cujo profundo saber confere uma grande autenticidade a tudo o que concerne à egiptologia. Podemos ainda escutar as vozes remotas dos sacerdotes de Amon entoando os enigmáticos cânticos do *Livro dos mortos*; as palavras iniciáticas dos mestres da Casa da Luz; as secretas cerimônias da comunhão dos sacerdotes de Amon, durante o festejos de Osíris, tal como nos conta o velhíssimo *Papiro de Amôses*, cujo longínquo eco talvez tenha modelado os ritos católicos da comunhão.

Aliás, foi dessas antigas cerimônias místicas do Egito que, segundo Durville, Petrie e outros estudiosos do assunto, nasceram os *Mistérios de Elêusis*, adaptados por Orfeu ao gênio plástico da Grécia. Sabe-se que, em tempo imemorable, uma colônia grega, vinda do Egito, trouxe à tranqüila baía de Elêusis o culto da deusa Ísis, sob o nome de Demeter, a mãe universal. Desde então, Elêusis tornou-se um centro iniciático. Os sacerdotes gregos passaram a ensinar a ciência esotérica que lhe viera do Egito. Com o passar dos tempos, a doutrina egípcia inspirou toda a iniciação mediterrânea, e é a ela que devemos os ensinamentos básicos de Pitágoras, que foi iniciado nos templos egípcios, e também a essência da filosofia de Platão.

Talvez, inspirada por um ideal místico quase tão grande como o de Nefertiti, a jornalista e escritora que se oculta há anos sob o nome de Chiang Sing, voltada sempre para as coisas do Oriente — poesia, lendas, arte e história —, embora sendo genuinamente brasileira — filha de dois ilustres jornalistas, também brasileiros, e bisneta do barão do Rio Apa —, adotou um pseudônimo chinês, com o qual é muito conhecida na imprensa de seu país. O mesmo aconteceu com o seu esposo Kabir, o escultor brasileiro que adotou o nome de um grande poeta oriental do século XVI para assinar suas obras de arte, todas inspiradas no Oriente e, em especial, no velho Egito.

As obras de Kabir têm um grande mérito, pois são feitas por um artista inato, autodidata, cujas tendências artísticas se

manifestaram de repente, em plena madurez dos seus quarenta anos, que jamais cursou nenhuma escola de belas-artes nem nunca entrou num ateliê de escultura. Entretanto, a sua arte esplêndida e espontânea é tão poderosa que chegou a fazer com que vários eminentes críticos de arte pensassem que as esculturas de Kabir eram realmente egípcias, tal como aconteceu com o *Deus Hórus* e a *Máscara de Ramsés II*, peças de bronze que estiveram presentes na Exposição de Arte Egípcia, realizada numa galeria de arte do Rio de Janeiro, sob o patrocínio da Embaixada da República Árabe Unida.

Levado por sua admiração pela arte de El-Amarna, Kabir esculpiu também um busto da rainha Nefertiti no qual buscou alcançar algo mais além da forma. Possivelmente a luz interior, essa chama indefinível que iluminou o semblante de nossa famosa soberana, dando-lhe uma beleza imortal. A estátua feita por Kabir, inspirada na obra-prima de Beck que está no Museu de Berlim, é realmente muito próxima da velha arte egípcia da décima oitava dinastia, em razão de suas características humanas e sensíveis. Contudo, o que há de muito especial nessa estátua de Kabir são os antigos símbolos sagrados que ele colocou na cabeça e no pedestal de *A bela que veio*, tornando-a a única estátua no mundo representando a rainha Nefertiti que ostenta esses emblemas simbólicos.

Sobre a fronte coroada de Nefertiti estão as duas serpentes sagradas usadas pelas grandes vestais e que representam a divindade dinástica do Baixo Egito, também chamada *Buto* ou *Ureaus* pelos gregos. Às vezes, ornam as frentes reais egípcias para protegê-las de seus inimigos; porém, o comum é que esse lugar seja ocupado apenas por uma deusa-serpente, tal como ocorreu no original de Beck, em que o *Ureaus* está quebrado, lembrando apenas a forma de um laço. Outro símbolo usado por Kabir encontra-se na parte posterior da coroa de Nefertiti e é a famosa cruz ansata ou *Ankh* — emblema da vida espiritual. E, finalmente, no pedestal temos o grande lótus saído das águas primordiais, aquele que foi o berço do Sol na primeira manhã do mundo, segundo nos diz a tradição egípcia relativa à criação do Universo pelo astro inicial. Desse lótus azul, brasão floral do Egito faraônico, surge Nefertiti significando que conquistou a paz

profunda que simboliza essa flor e que recebeu os dons da intuição. Nefertiti saindo de uma flor de lótus representa ainda uma ilustração para o capítulo 87, do *Livro dos mortos*: “...sou o lótus cândido que brota do divino esplendor das narinas de Rá...”.

Assim, Kabir procurou destacar em sua obra o constante propósito de Nefertiti, que, segundo nos diz Chiang Sing em seu livro, foi “o de desenvolver a natureza espiritual para permanecer em invariável harmonia com as potências superiores que regem o Universo”. Para mim, Chiang Sing e Kabir são almas orientais exiladas nos trópicos; portanto, não importa que seus verdadeiros nomes sejam brasileiros, pois como disse o sábio Abdul Baha “uma estrela tem a mesma luz quer resplandeça no Oriente ou no Ocidente”. Como egípcio, sinto-me orgulhoso e feliz em ver um casal de brasileiros tão integrados na história de meus ancestrais, fortalecendo assim os laços de amizade entre o Brasil e o velho país de Kêmi.

*Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito* não é uma obra a mais sobre a terra dos faraós; é uma contribuição séria para penetrar no âmago do meu país e desvendar os sagrados mistérios que fazem parte do Grande Todo. O leitor pode aceitar ou não as idéias e conclusões que ele apresenta, porém a seriedade objetiva dos seus documentos e a inegável honestidade de suas fontes são a melhor apresentação.

Chiang Sing preferiu adotar neste seu livro histórico a versão de que Nefertiti é quem foi a incentivadora do culto de Aton no Egito, contribuindo para a transformação das idéias religiosas de seu esposo, o faraó Akhnaton. Que cada um escolha a sua própria versão! A verdadeira talvez nunca venha a ser conhecida.

MOHAMED SALAH EL DERWY



## Hino a Nefertítí

Ó tu, bela que veio!  
Ramo novo de palmeira.  
Benjoim purificado.  
Falcão de colo flexível.  
Camela de patas brancas  
pastando a erva do tempo  
junto à Face Irrevelada.  
Sob o véu da areia clara  
onde a sombra dos teus passos?

Foi-se ao sopro da amargura  
toda a tua dinastia, ó tu das  
ancas de nácar, pomba de âmbar  
e almíscar, jovem corça junto às  
fontes dos jardins de Akhnaton.  
Mas tu foste preservada  
rainha do claro orvalho,  
embalsamada no Espaço  
com o óleo santo dos astros.  
E eis que te invoco,  
ó longínqua!  
Rosa mística que cintilas  
no regaço do deus sol.  
Vão para ti os meus sonhos  
como um bando de íbis brancos...

CHIANG SING

Rio, décimo quinto dia da primeira lua das  
rosas vermelhas.



## Apresentação



O Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista, estado do Rio de Janeiro, possui razoável coleção de peças egiptológicas, destacando-se entre elas a famosa múmia de mulher, de máscara dourada. Desde a reabertura das exposições, em 1947, temos tido constante contato com visitantes e alunos, dando a eles aulas e explicações sobre o Egito antigo.

Quando orientado pelo egiptólogo Childe, do Museu Nacional, não imaginava eu, naquela data, o mundo de experiências e vivências que o velho Egito nos iria proporcionar. Lentamente aprendi o sentido de cada cena dos vários sarcófagos e a tradução e significação das diferentes estelas funerárias, tendo assim a explicação dos principais mitos. E foi se formando no meu espírito a convicção, agora fartamente documentada pelo livro de Chiang Sing, de que quase todos os fundamentos das crenças modernas são de inspiração e de origem egípcia.

O Tribunal de Osíris, os mandamentos, as entidades celestes dotadas de asas, o inferno abaixo de nós, o céu como moradia dos deuses, a crença na reencarnação, a música sacra, a influência mágica dos números “três” e “sete”, a genuflexão, as estelas como predecessoras das lápides e dos altares são algumas das inspirações espirituais trazidas do Egito por Moisés, quando da saída do povo hebreu. Até mesmo o medo da meia-noite associado a almas, cemitérios, castigo e momento

propício para o aparecimento de bruxas, fantasmas, almas penadas, mulas-sem-cabeça etc., estão obviamente ligados ao julgamento da meia-noite, no Tribunal de Osíris.

Essas e muitas outras correlações o leitor encontrará no livro de Chiang Sing. *Nefertiti e os mistérios sagrados do Egito* não é apenas para ser lido como entretenimento ou ilustração. É um livro para ser entendido nas entrelinhas, nos antigos textos da época faraônica que a autora transcreve. Então, numa evocação filosófica, revivemos o espírito e o pensamento dos pensadores egípcios de outrora.

Estamos, portanto, todos de parabéns com o aparecimento desta obra, especialmente os grupos que vão visitar as múmias levados por um sentimento místico. Graças ao grande esforço de Chiang Sing, poderemos agora dar a esses visitantes uma explicação bem mais completa, bem mais poética, bem mais profunda sobre a arte, a ciência, a cultura e as crenças do velho Egito.

PROF. VICTOR STAWIARSKI

Técnico em Educação da Seção de Extensão Cultural  
do Museu Nacional